
ADORÁVEIS ARMADILHAS

Cristina Monteiro
Doutoranda em Literatura Comparada UERJ
cristina@compuland.com.br

NUÑEZ, Carlinda (org). *Armadilhas Ficcionalis: modos de desarmar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

Terceiro livro em conjunto de seis professoras de Literatura da UERJ, *Armadilhas Ficcionalis: modos de desarmar* enreda o leitor nas tramas do próprio fazer literário. Apontando e desvendando algumas das armadilhas textuais de grandes obras da literatura, as autoras instigam, através de suas próprias artimanhas, a ficarmos atentos - aptos a participar, com maior desenvoltura, do jogo do texto.

Os ensaios apresentam em comum o fio crítico e revelador de uma nova proposta literária e teórica, que começa a se delinear a partir do enfraquecimento do poder da *mimesis* clássica. As autoras lidam com textos – literários e teóricos – cuja característica mais ressonante é o fato de apresentarem a obra literária não mais como uma tentativa de representar, de maneira o mais fiel possível, a realidade, mas como um objeto em eterno processo de constituição. O leitor é peça importante, uma vez que é impelido a assumir, cada vez mais, um papel ativo nesse processo.

Já no primeiro ensaio, “Construção do objeto estético”, Maria Antonieta Jordão de O. Borba deixa claro que estamos lidando com um outro tipo de *mimesis*, um tipo que ultrapassa os limites clássicos da *representação* e se transforma em *performance*, chamando atenção não mais para as referências externas ao texto, mas para o processo mesmo de formação da obra literária. A autora abre o livro com um ensaio teórico sobre a gênese do efeito estético, de acordo com as idéias de Wolfgang Iser. Seguindo, com seus leitores, o caminho percorrido por esse teórico, Maria Antonieta visita os conceitos de *schema* e *correção*, trabalhados por

Gombrich, e alguns dos princípios da Psicologia da Gestalt, para melhor explicar o processo de significação no texto literário: jogo no qual, deixa claro a autora, o leitor é participante ativo. Em seu rico ensaio, encontram-se as armas teóricas necessárias para enfrentar, sem ingenuidade, as armadilhas ficcionais.

Carlinda Nuñez explora, em “Jogos fictícios na Veneza de Thomas Mann”, o universo sombrio, insalubre e fascinante dos canais venezianos de Thomas Mann – avesso da imagem gloriosa da *Sereníssima*, que povoa o senso comum. *Morte em Veneza* é o objeto de estudo e o cenário dessas páginas que, ao teorizarem sobre a obra do escritor alemão, com ela dialogam e dela se impregnam. Afinando seu tom ao de Mann, Carlinda nos envolve na atmosfera inebriante do livro e conduz seu ensaio - crítico-poético - ao ritmo hipnotizante do movimento das gôndolas. A autora percorre os caminhos sinuosos do texto, mostrando a seus leitores a densidade palimpsêstica das águas infiltradas na composição da história sobre Aschenbach . Promovendo um diálogo entre as idéias Theodor Adorno e Wolfgang Iser em que ressalta a intertextualidade e a metadiscursividade (essas, as estratégias tramadas pelo jogo da *mimesis*), Carlinda prova, na prática e na teoria, que as armadilhas do texto são muito mais fascinantes do que temíveis.

“São Bernardo e Sargento Getúlio: vozes e gestos em contraponto” é a bela contribuição de Fátima Cristina Dias da Rocha, que se aventura a comparar duas obras distantes no tempo e plenas de semelhanças e diferenças. A partir do confronto entre o livro de Graciliano Ramos e de João Ubaldo Ribeiro, a pesquisadora aponta as armadilhas, os potentes efeitos presentes nos textos em que a linguagem, viva e em ebulição, participa do processo de construção e do jogo de sua significação. A autora trabalha os conceitos de *relato autobiográfico* (Jean Starobinski) e de *auto-retrato* (Michel Beaujour), e, a partir de dois modos diferentes de narrar, apresenta a pertinência de cada um deles para a produção do

efeito estético armado por Graciliano Ramos e João Ubaldo Ribeiro. Fátima alerta seus leitores de que, nas duas obras estudadas, a linguagem e sua estruturação são índices que ecoam sua narrativa, apontando para o processo de produção.

Desbravadora das *Galáxias* de Haroldo de Campos, Ana Lúcia Machado de Oliveira aponta, em “Sobre a configuração *babelbarroca*”, para o jogo de aproximação e distanciamento da obra do poeta paulista em relação ao universo barroco. Ana Lúcia revela que, em *Galáxias*, arte e engenho estão desdobrados, metamorfoseados em pontos luminosos: manifestações contemporâneas de antigos corpos estelares. Valendo-se do conceito de dobra (*pli*) de Gilles Deleuze, a autora mostra que o tempo é curvo, e que universos distantes, por vezes, podem se tocar. Ana Lúcia coloca em destaque o *modus operandi* de *Galáxias*, que reverbera em ondas, curvas e dobras o processo operatório barroco. Desdobrando essa idéia, a autora vai mais longe: articula a proposta poética deste intrigante texto com a noção de hipertexto de Pierre Lévy. Ana Lúcia abre caminho para uma aproximação do leitor dessa labiríntica obra de Haroldo de Campos, quando desarma algumas de suas armadilhas, em seu ensaio.

Pornografia e universo infantil: uma perigosa mistura capaz de chocar até aqueles que se dizem mais liberais e esclarecidos. Essa é a opinião de Ana Cristina Chiara, que, com delicadeza e ímpeto, escreve um belíssimo ensaio sobre *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst - a história de uma menina de 8 anos que registra cenas pornográficas em seu diário. Encarando de frente o texto de Hilda Hilst em seu “Lori Lambe a Memória da Língua”, Ana Cristina se concentra no estudo dos artifícios nele utilizados para proporcionar ao leitor a experiência estética – recursos importantíssimos para a diferenciação entre pura pornografia e obra de arte. A autora, deslindando as tramas do processo de construção da obra, nos revela que em *O caderno rosa de Lori Lamby a linguagem da pornografia* [...], ao

contrário do que se espera, explodindo o caráter designativo, escorpionicamente gira sobre si mesma (CHIARA in NUÑEZ: 2003, p. 70) , apontando para o caráter performático que a linguagem assume na obra.

Silvia Regina Pinto recupera, no último ensaio, o início do livro. Ao estudar *Nove noites*, de Bernardo de Carvalho, a autora retoma Iser e aponta para a similaridade entre os conceitos do teórico e a narrativa do escritor. Focalizando seu ensaio na figura do narrador, Sílvia habilmente propõe o estatuto de narrador *performático*, para denominar o narrador de muitas obras contemporâneas que, através de sua *encenação*, volta a atenção do leitor para os processos metadiscursivos. A autora reforça a relevância da mudança do estatuto da *mimesis*, agora produtora de sua própria referencialidade, em *Nove noites*, e o papel ativo do leitor – co-produtor no processo de significação da obra. Ao mesmo tempo, Sílvia nos mostra que as armadilhas textuais presentes no livro de Bernardo Carvalho ultrapassam a significação, prendem o leitor num jogo em que não há uma saída, não existe uma chance de ganhar: o *télos* desse jogo não é a formação de significados – é o próprio jogo de significar.

Atentas às mudanças que se instauraram tanto na teoria quanto no fazer literário, a partir do enfraquecimento do reinado da *mimesis* clássica, as autoras nos proporcionam, através de uma leitura extremamente agradável, um olhar mais próximo às entranhas dessa nova *mimesis*, que se esquivava à representação, contemporaneamente auto-definida como processo inacabado - em produção, e que necessita do leitor para ajudar a construí-la.

Os seis ensaios nos falam de armadilhas e, ao contrário do que se poderia imaginar, acabam nos convencendo a nos deixar, conscientes, seduzir e capturar. Saímos da leitura de *Armadilhas Ficcionalis* ansiando por grandes mergulhos literários, ávidos por reivindicar o papel ativo a que somos impelidos pelos jogos e pelas astúcias contidos em suas próprias análises.